



E D I T O R I A L

Em boa hora decidimos desafiar o Florival Lança para colaborar connosco na elaboração deste *CGTP Cultura* n.º 9.

A sua visão apaixonada das coisas, o seu conhecimento, a sua cultura, concedeu a este Boletim uma nova dimensão, que se enquadra naquilo que desde a primeira hora definimos como objectivo para o *CGTP Cultura*, que se assumisse como veículo de comunicação e ligação com o Movimento Sindical Unitário e que contribuisse para o incremento e fortalecimento das relações com outras entidades com quem colaboramos.

Ao começar a escrever este editorial, recordei com emoção as conversas em jeito de reflexão, os conselhos que o Florival Lança me transmitiu quando comecei a ter responsabilidades de direcção na CGTP-IN, às vezes sem grande reacção da minha parte, mas que me serviram como âncora em muitas das propostas que fui fazendo e em

dias de trabalho sindical. É um dirigente sindical que muita falta faz à CGTP-IN.

Obrigado Florival Lança!

O Florival recorda ainda, neste número, o João Silva, de cujo livro *Rocha Chenaidier*, editado pela CGTP-IN, demos notícia na edição anterior. Uma obra muito bem acolhida por todos aqueles que o conhecem, a ele e ao seu trabalho, e que vale pela vivacidade das suas histórias, por quebrar barreiras e pelos valores que transmite.

Mas a entrevista a Carlos do Carmo, cuja disponibilidade agradecemos, é, de facto, a grande novidade deste número. Uma justa homenagem da CGTP-IN ao cantor, ao homem civicamente empenhado e solidário com as causas dos trabalhadores.

Fernando Gomes

CGTP-IN

HOMENAGEIA CARLOS DO CARMO

Depois de me terem pedido que colaborasse na feitura deste número do *CGTP Cultura*, dei voltas e mais voltas à cabeça tentando encontrar um tema que se ajustasse quer à finalidade do boletim, que se quer um elemento difusor de cultura, quer ao universo a que, preferencialmente se destina, os quadros da CGTP-IN.

Não encontrei. Ou melhor, não encontrei nada de original, que não repetisse o que outros documentos do movimento sindical dizem sobre o alcance da luta dos trabalhadores portugueses por uma vida melhor, ou o impacto civilizacional que essas lutas podem ter na alternativa a este esgotamento do sistema capitalista de exploração desenfreada dos trabalhadores e dos recursos, cada dia mais escassos, do planeta que habitamos.

Sim, porque se a crise actual revela os limites e a falência desta fase imperialista do sistema capitalista, de entre muitas evidências desse facto, uma das mais significativas é, sem dúvida, o seu carácter predador dos recursos do planeta, sacrificados no altar do lucro e, por isso, à beira do esgotamento, colocando assim em causa a sobrevivência de todos.

Da História do Pensamento Europeu, cito três frases que me parecem ser exemplificativas do conflito entre a regra da exploração capitalista e o bem comum: "A Natureza deixa de indicar a única realidade, na qual o homem se deveria inscrever e pertencer-lhe. Mundo, homens e deuses deveriam participar e obedecer às mesmas regras, as da natureza."

A partir do momento em que a sede de apropriação de riqueza colocou como objectivo principal o domínio da natureza pelo homem, exactamente o contrário da primeira visão do mundo, começaram os problemas, agravados e levados ao extremo, nos dias de hoje, pela avidez sem limites do capital financeiro.

As elites sempre dominaram o pensamento, como instrumento indispensável para poderem continuar a ser os donos das outras coisas todas. É assim que tornaram o acesso aos bens culturais em mais um factor de discriminação social, caro, inacessível às classes trabalhadoras, privilégio absoluto das classes dominantes. Claro que falo da cultura erudita e, como todos sabemos, a noção de cultura está longe, muito longe de se esgotar apenas nessa vertente.

Não conheço nenhum instrumento para medir a cultura de cada um. Conheci

homens e mulheres com uma riqueza cultural fantástica e que mal sabiam ler e escrever.

Conheci líderes carismáticos, capazes de arrastar multidões e que de letrados não têm muito mas, a seu modo, infinitamente cultos, visto possuírem uma identificação extraordinária com a história e cultura dos Povos a que pertencem.

Os saberes podem ser os mais diversificados que se possa imaginar, mas no fundo são eles que nos tornam seres cultos, no sentido em que não somos ignorantes em determinada matéria. Os conhecimentos não têm todos a mesma importância, pelo menos não ao mesmo tempo. Mas nenhum deles é totalmente desprovido de importância. Quanto mais conhecimento cada indivíduo acumular mais se aproxima desse conceito abstracto a que se convencionou chamar de sujeito culto. Contradição? Talvez não, se considerarmos que os conhecimentos tanto podem ser científicos como artísticos, ou literários, ou como moldar o ferro, soldar o casco de um navio, sobre o amanhã da terra, sobre como sobreviver há séculos no deserto, como pescar ou caçar como modo de vida... e por aí fora.

E, depois, ainda há outra componente que refuto como igualmente importante. Há quem discorde, mas para mim é tão "cultura" como as outras vertentes. Refiro-me ao lado mais descomprometido e descontraído da cultura, que é o usufruto dos tempos livres, vividos de forma saudável, aproveitados para um olhar mais sereno sobre o que nos rodeia, espaço de aprofundamento de valores tão caros aos trabalhadores como a solidariedade, nascida e cimentada no contacto e na identidade com os outros, que vivendo, trabalhando e sofrendo a mesma desenfreada exploração, transportam em si as mesmas aspirações e interesses, os mesmos ideais transformadores, a esperança na felicidade a que, todos, temos direito. Seja como for, um trabalhador informado sobre o mundo que o rodeia, desde os direitos que lhe assistem na sua qualidade de trabalhador, até à sua condição de cidadão portador de ideais transformadores, activo e participante na vida em sociedade, que é a de todos nós, será sempre um sujeito determinante na história que todos os dias o Homem vai construindo. ■

Florival Lança

FICHA TÉCNICA

Director: Fernando Gomes
fernando.gomes@cgtp.pt

Periodicidade: Semestral

Tiragem: 6000

Paginação e Impressão:
Fotolitaria, Lda

O Boletim pode ser consultado também em www.cgtp.pt

Contactos:
Rua Vitor Cordon, 1, 2.º
1249-102 Lisboa
tel: 213236500
fax: 213236695
cgtp@cgtp.pt

ENTREVISTA A CARLOS DO CARMO

A CGTP-IN associa-se com entusiasmo às comemorações dos 45 anos da brilhante carreira de Carlos do Carmo prestando-lhe, através do *CGTP Cultura*, uma merecida e justa homenagem.

Ao brilhante cantor, ao cidadão empenhado e comprometido com as causas da justiça social, do desenvolvimento e do progresso, a Central, em nome dos trabalhadores que representa, endereça-lhe o mais merecido e entusiasmado aplauso e o desejo de uma vida longa e feliz, torcendo para que continue a brindar-nos com a sua voz única e maravilhosa e com a sua opinião esclarecida e sincera.

Homenagem também à coragem com que, desempoeiramente, manifesta essas suas opiniões.

E um agradecimento muito especial por, com a simpatia e a simplicidade que a todos habituou, nos ter recebido em sua casa e nos conceder a entrevista que inserimos neste espaço *CGTP Cultura* e que a seguir transcrevemos.

A entrevista foi conduzida por Florival Lança, com fotos de José Frade, em 23 de Janeiro de 2009.

Florival Lança (FL): Em primeiro lugar, obrigado por nos receber em sua casa. Estamos aqui para lhe testemunhar o reconhecimento dos trabalhadores portugueses, representados pela CGTP-IN, pela sua brilhante carreira e, a melhor forma de materializarmos esta singela homenagem, seria a de abriremos as páginas do *CGTP Cultura*, não só ao fadista brilhante, mas também ao cidadão que os trabalhadores admiram e respeitam.

Antes de mais, deixe-me dizer-lhe que esta é uma publicação destinada preferencialmente aos quadros da CGTP-IN e com uma tiragem de 6000 exemplares, que lhes chega de forma regular a cada seis meses e que, de certa forma, pretende resgatar o papel destacado que os sindicatos, desde os seus primórdios, sempre tiveram na educação operária, tentando materializar o que, mais tarde, Bento de Jesus Caraça sintetizou de forma brilhante como “a cultura integral do indivíduo, condição essencial para a sua emancipação”.

Depois desta explicação sobre o que aqui nos trouxe, uma primeira pergun-

ta: se, como cantava o Paulo de Carvalho, “10 anos é muito tempo”, como é 45 anos de carreira e, além do mais, sempre lá no alto?

Carlos do Carmo (CC): Vou começar por dizer um lugar-comum: passaram-se depressa. Quase não dei conta da vertiginosidade destes 45 anos. E talvez isso tenha a ver com a forma intensa e a paixão com que vivo a minha profissão.

Não sou um homem rotineiro. Por exemplo, amanhã vou para Paris. Não encaro isto como “mais um concerto”, encaro isto como “um concerto”, é sempre “um concerto”. Talvez seja isto que me dê uma alegria de exercer a profissão, que não me deixa envelhecer por dentro, na minha cabeça, e que faz disto também uma passagem do tempo de alugar. Todos nós estamos aqui alugados. Uns conseguem chegar aos 115 anos, o que acho uma coisa extraordinária. Mas outros duram o chamado tempo razoável. Este alugar tem que ser bem interpretado, porque possivelmente está aqui em causa o artista a quem, provavelmente, a natureza deu algum dom, mas que não faz disso matéria de arremesso. Faz disso, sim, matéria de vida, o que o junta ao cidadão. Este acto de ser cidadão é que me fez passar este tempo muito depressa. Porque sou artista no palco e quando saio do palco volto à minha cidadania. Não que em cima do palco não tenha uma atitude de cidadania, mas é de forma diferente, porque estou numa exposição, estou num trabalho. O que acontece é que já não é a mesma coisa na interpretação da vida. Na interpretação da vida, descobri ainda jovem que era preciso intervir civicamente, e isso é capaz de ser o que me mantém com a vitalidade mental, ou seja, não é a minha própria vida que tem estado em causa. Seria extremamente desonesto e injusto se me queixasse. Não tenho tido, nem propiciado, uma vida má aos meus familiares. Diria mesmo



que há até uma certa zona de privilégio na profissão que consegui exercer e exerço. Mas isso não me deslumbrou, não me afastou.

Portanto, resumiria a resposta dizendo o seguinte: este passar depressa é capaz de ter tido a ver com esta situação muito engraçada que lhe vou contar e que você agora vai sorrir porque vai ver o que é que afinal eu queria dizer com tudo isto. Quando comecei a cantar, mandava Salazar. Continuei a cantar e mandava Marcello Caetano. Continuei a cantar e veio a nossa Revolução. Tudo novo, sempre diferente. Continuei a cantar com o mesmo empenho e veio a contra-revolução. Continuei a cantar com o mesmo empenho depois de ter visto a integração de Portugal na União Europeia. E continuei a cantar com o mesmo empenho e a mesma dedicação agora que estamos na globalização. São seis décadas, seis épocas, numa carreira de 45 anos que entra agora no quadragésimo sexto. Ou seja, isto nunca foi monótono, teve sempre diversidade. A sensação que às vezes tenho é que cantei já durante um século, que é muita história junta.

E depois é esta questão que tem a ver com a minha natureza. Não sou capaz de me calar perante a injustiça,

→ ENTREVISTA A CARLOS DO CARMO

não cedo às conveniências pessoais. Ou seja, talvez não dizendo isto na televisão eu venda mais discos, tenha mais concertos ou seja mais consensual. Não, foi uma coisa que nunca esteve em causa quando tive que dar uma resposta, digo o que penso. Quiçá as pessoas terão aprendido a conhecer-me assim. Quem gosta, gosta, quem não gosta, não gosta.

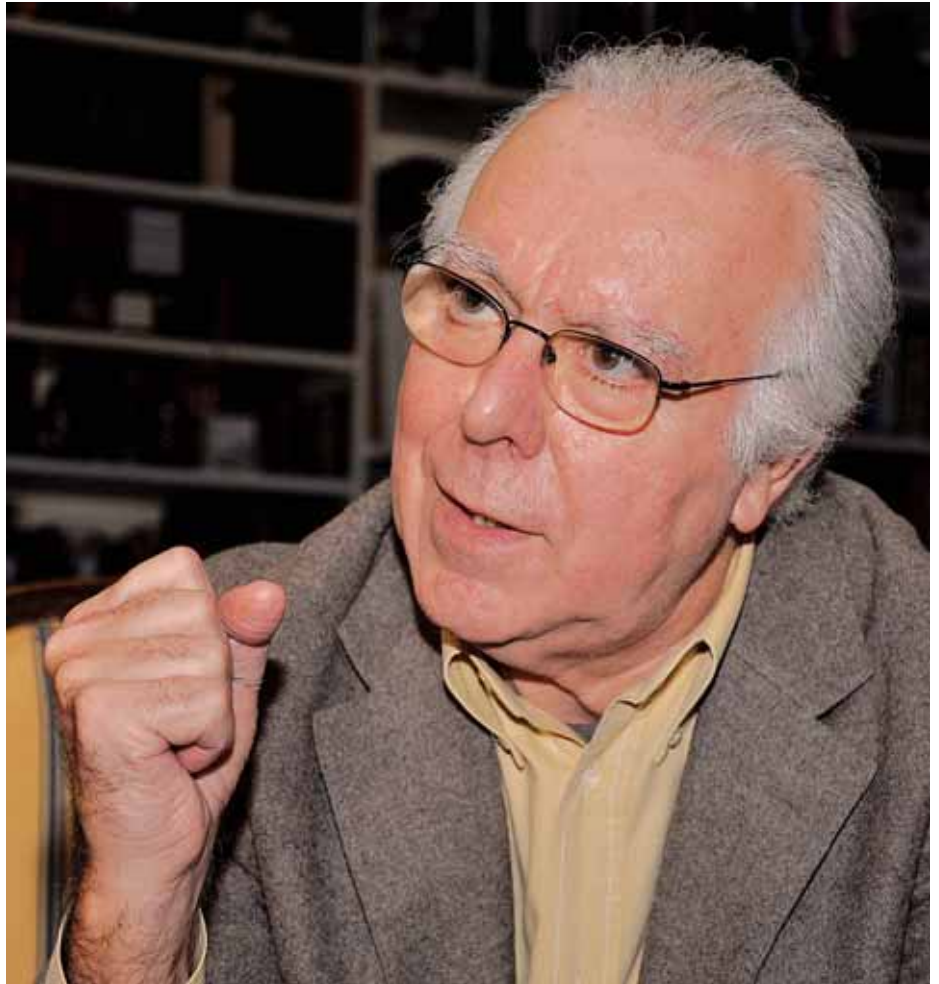
Termino dizendo o seguinte. O meu amigo disse-me que tenho conhecido sempre o sucesso. Queria dizer-lhe que não tenho fórmula nenhuma. Normalmente há a impressão de que há uma fórmula para o sucesso. Eu dir-lhe-ia o contrário: que conheço não a fórmula do sucesso, mas a fórmula do fracasso. Acho que a fórmula do fracasso é queremos agradar a toda a gente.

FL: O Carlos tem uma característica que pode também ajudar a essa aceitação. Incorpora muito o termo “esperança”, que é algo de que pouco se fala neste país, que pouco se introduz no discurso político. Mas também termos como “ternura”, termos esses que acabam por tocar a sensibilidade das pessoas e, talvez por isso, transformando a minha opinião em pergunta, essa sua capacidade de estar, mesmo sem fórmula nenhuma, no coração das pessoas de um modo geral. É assim?

CC: Não gostaria de estar no coração de todos e, felizmente, não estou. Espero bem não estar.

A questão é esta: o meu pai morreu quando eu tinha 21 anos de idade. Foi um luto complicado. Ele morreu em contramão. Não estava à espera que isso acontecesse, ele era novo, e demorei muitos anos a aceitá-lo. Gostava de partilhar isto com as pessoas, com os trabalhadores. Foi um luto muito particular. Disfarcei e aconteceu uma coisa incrível. Com a morte do meu pai fiquei patrão, em 10 minutos, de 32 pessoas. Tinha 21 anos de idade... Penso que não procedi mal, não tenho má consciência em relação ao processo em que fui patrão durante 20 anos. Ainda há alguns trabalhadores vivos que estão comigo, estão aí todos...

O que acontece é que o meu pai me tinha deixado uma coisa preciosa, uma formação não universitária. Foi por isso que demorei no meu luto. Faltava aquele alicerce. Aquele homem quando abria



a boca transmitia valores. «Rapazinho, combinaste às 8h00? Não é às 8h05, que os outros não são teus criados.»; «Rapazinho, vais comprar não sei o quê, tens dinheiro para isso? Se não tens, quem não tem dinheiro não tem vícios.» São pequenas máximas, mas ele actuava em consonância. Mal ou pior, ele era pragmático, dizia e fazia. O meu pai era um chato. Combinávamos um encontro às 8h00 e obrigava-me a estar às 7h55. «Ó homem, não custa nada, a gente espera cinco minutos e a pessoa é suposta estar aqui às 8h00.» Este conjunto de coisas mais a leitura dos jornais, que ele lia e comentava.

Rebobinei, rebobinei, rebobinei e senti que isso foi bom para mim. Intencionalmente, procurei isso com os meus filhos e penso que consegui transmitir-lhes esses valores. Tanto que eles muitas vezes me chamam romântico, idealista. «O pai preparou-nos para um mundo que não existe», dizem muitas vezes. Quiçá seja esta questão que esteja aqui posta, ou seja, não me posso alhear.

Nós estamos aqui hoje a falar no dia em que 1800 pessoas da Quimonda vão para o desemprego. Não é um assunto que não mereça a minha atenção. Estou a pensar em 1800 pessoas, algumas delas devem ter 50 anos, que não vão arranjar emprego nunca mais na vida, mas que têm o direito de comer e beber e de viver. Há uma coisa muito estranha que noto em tudo isto. A esmagadora maioria dos países tem aquilo que se chama a lei geral do país, que é a Constituição. E quase todas dizem que o cidadão tem direito à habitação, à educação e ao emprego. Quase todas, se não todas, dizem isto. Ou seja, isto está tudo distorcido, porque afinal têm que ser revistas as leis gerais dos países, porque não são cumpridas. A partir daqui, em cadeia, tudo isto parece um edifício que se desmorona. E tenho que confessar que não sou propriamente um cantor que chega a cima do palco e diz: «Agora vamos todos divertir-nos durante um tempo e estou-me nas tintas para o que se passa.» Não. A sensação

que tenho nos dias de hoje é que quem se desloca a um concerto meu vai com toda a carga que isso traz consigo, ou seja, pode não pensar como eu, e há muita gente que vai a concertos meus que não pensa como eu, mas respeita e reflecte sobre isso.

FL: E sabem, de antemão, que não vão só para ouvir música...

CC: Os meus poetas são os porta-vozes daquilo que tenho para dizer em grande parte dos casos. Haverá muita gente que está a assistir na plateia e que não concorda, mas expresso o meu pensamento, quanto mais não seja porque fica como reflexão. A vida tem-me ensinado alguma coisa e gosto muito de partilhar os conhecimentos. Quando tenho esse privilégio do palco, que me permite falar com as pessoas, não é com discursos pomposos, para não dizer promessas, porque não tenho carreira política, é apenas partilhar as minhas ansiedades, sabendo a esmagadora maioria das pessoas que participam ou que assistem, que eu não sou um homem pobre, não sou um homem que está a reclamar direitos para si. Isto deve ter a ver com o meu pai, esta estrutura mental que ele deixou em mim e que depois se desenvolveu.

FL: Ninguém passa ao lado desta miséria que se está a criar e a aprofundar cada vez mais...

CC: Sabe que, até me casar, vivi no bairro da Bica e, portanto, aprendi o que é o sentimento de vida de uma aldeia dentro de uma cidade, o lado solidário do cidadão, o lado afectivo, criado de porta a porta, a mãe que se ausenta, o pai que se ausenta, o vizinho que toma conta da criança com carinho enquanto os pais estão ausentes. Tudo isso que eu vivi deixou uma marca muito boa em mim, que não me deixa afastar dessa essência. Chego a qualquer lado e digo boa tarde, boa noite, e fico chateado quando ninguém responde, muito chateado!

FL: O Carlos do Carmo é um homem de cultura e da cultura e, assim sendo, uma outra pergunta: sente que há interesse e preocupação do poder político no desenvolvimento de uma verdadeira política de cultura em Portugal?

CC: Vou ser muito breve na resposta. Nunca me pareceu isso, em muitos anos, por uma razão muito simples: a verba do orçamento de Estado que é colocada ao serviço da cultura é ridícula...

FL: O sector da cultura, os seus intérpretes (em senso lato), desde músicos, cantores, poetas, maestros, electricistas, cenógrafos, etc., vai ser afectado pela crise em que estamos mergulhados, visto

que, nesta situação delicada, quem vai pagar a factura da generosidade do governo para com os banqueiros responsáveis pelos desmandos do sistema são, como sempre, os trabalhadores, os reformados e todas as camadas mais desprotegidas da população.

Como é que o cidadão Carlos do Carmo vê esta situação?

CC: Há quinze anos a esta parte, minto, há mais de quinze anos, que sentia que isto ia acontecer, sentia isso, porque achava que se estava a viver ficticiamente, que tudo isto era fictício. Depois, quando ouvia dizer que havia pessoas que se sentavam em frente a um computador, atentos à bolsa daqui, à bolsa dali e que ganhavam milhões, pensava: 'Mas estes milhões que circulam não são fruto de suor, de trabalho, isto pode chegar ao caos, esta bolha pode reventar'. Não sou economista, nem percebo nada de economia, mas sentia que isto era fictício e que depois é fácil pôr os outros a sonhar. A televisão é um produto para fazer sonhar como não há outro. Dá-se às pessoas um telejornal que é absolutamente demolidor e logo a seguir passam-se as novelas e as pessoas adormecem, meio anestesiadas. Portanto, esta fórmula perversa de tratar o cidadão deprimia-me bastante. Tenho que lhe confessar que não conheço fórmulas mágicas... Mas o que eu acho é que as pessoas, cada uma por si, deviam deter-se, parar um pouco para reflectir, não perder a capacidade de decidir e arregaçar as mangas para fazer qualquer coisa, qualquer coisa de novo que represente o resgate da dignidade humana. O que me parece que está aqui essencialmente em causa é a grande indignidade em que estamos a viver. O capital mais precioso, a educação e a cultura, está a funcionar mal e sem estes

dois pilares é muito difícil que o país se mexa, porque se as pessoas estão cada vez mais iletradas (a iliteracia acentuou-se de uma forma assustadora), se começam a não acreditar em nada e em ninguém, porque também não acreditam na Justiça, penso que não estamos muito longe do caos. Tenho netos... não basta dizer que se gosta dos netos, há que fazer qualquer coisa mais. Não me pergunte o quê. Gostaria de ser capaz de, numa entrevista, dizer: 'Eu acho que...' Mas não sou um pensador. Os grandes pensadores surgem e a gente lê-os com atenção. E, curiosamente, alguns até do século XIX não estão desactualizados. São pessoas que, embora naquele contexto, viram as coisas muito à frente do seu tempo. Gostava muito, antes de morrer, de ver os portugueses de mangas arregaçadas, à séria, e a gerir bem a vida. A sensação que tenho é que o mundo do trabalho também por vezes se deixou ir pelo canto da sereia, ou seja, ganhou prioridades que talvez não fossem as prioridades de vida das pessoas. Esta coisa de querer ter com urgência um automóvel, querer ter com urgência a compra da casa... Parece-me que com urgência, urgência, era a educação dos filhos. Era o grande investimento de vida das pessoas, porque isso se iria repercutir na sua própria vida. Não sei se estou errado, mas estou a tentar ver isto na óptica deste mundo de que estamos a falar, que é o mundo laboral. Porque quem tem muito dinheiro põe os filhos a estudar em grandes colégios e prepara-os. Mas quem não o pode fazer tem que ter isso como um investimento prioritário. Vou dar-lhe um exemplo chocante. Há uns tempos atrás, não muito distantes, um mês, nem tanto, estava a ver televisão e apanhei no telejornal mais uma cena, daquelas clássi-



→ ENTREVISTA A CARLOS DO CARMO

cas, de despedimento laboral. Seria na faixa das setenta, oitenta pessoas. E reparei numa mulher a quem perguntavam o que sentia. E ela disse isto, mais ou menos: «E agora, como é que eu faço para pagar a prestação do meu carro?» – foi a primeira coisa que disse. E a seguir acrescentou: «Como é que eu faço para dar de comer aos meus filhos?» Não faz ideia o quanto isto me chocou. As prioridades estão invertidas. Isto preocupa-me.

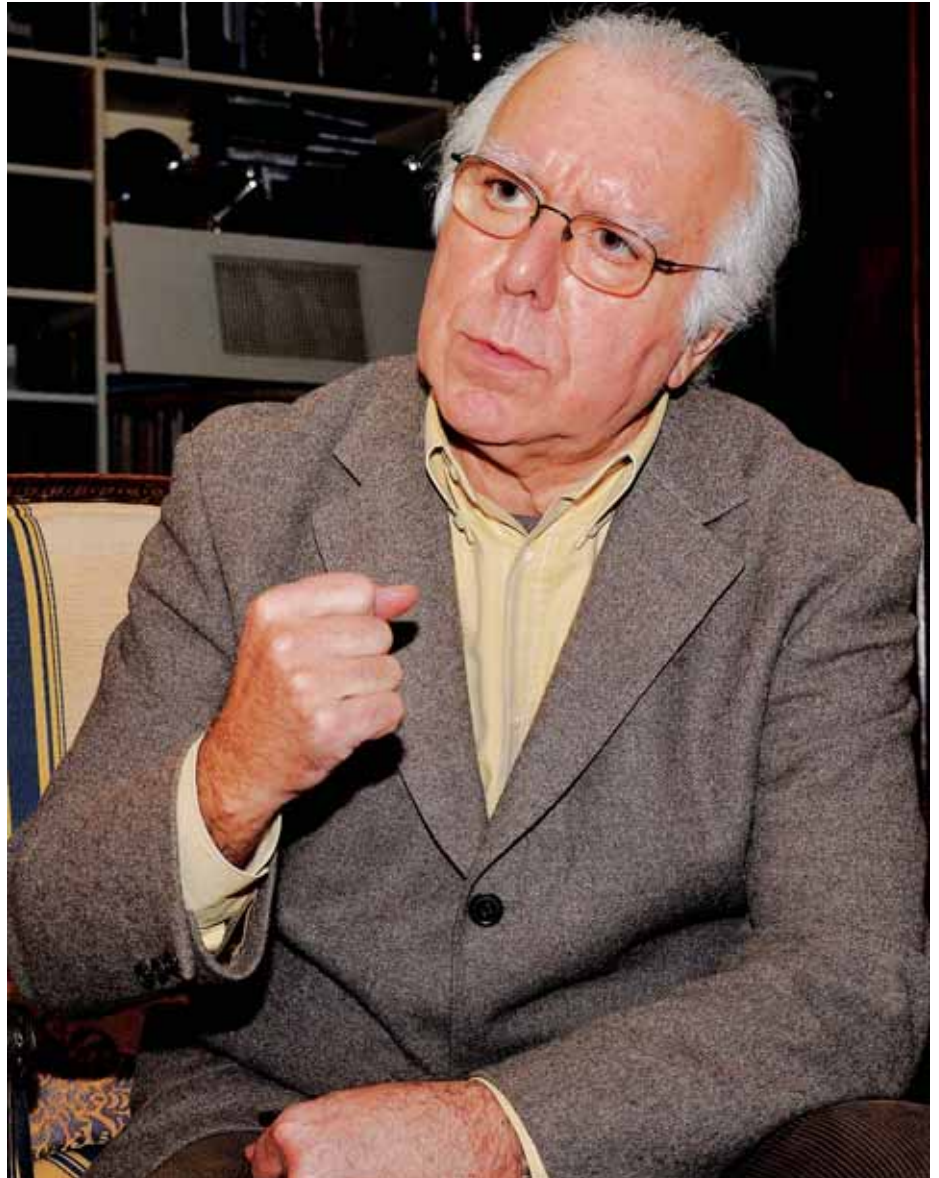
FL: Nós na CGTP-IN temos feito um esforço no sentido de procurar ganhar os trabalhadores quer para a sua própria formação, quer para essa outra vertente que acrescentou, a educação no consumo. Nem sempre as coisas correm como queremos, mas esforçamo-nos por transmitir valores e princípios...

CC: Claro. Mas o que quero dizer com isto é que há uma distorção na sociedade. Isto é uma coisa assustadora. Por exemplo, as vezes que tenho ido a uma FNAC, quando tenho que lançar um disco ou participar em qualquer coisa, ao percorrer os shoppings noto que a esmagadora maioria das pessoas teima em olhar para as montras, não compra coisa nenhuma, e vive aquilo como um conto de fadas. Fico muito preocupado porque a vida é muito mais que isso.

FL: É por isso tudo que acaba de me dizer que acho importante que pessoas com grande mediatismo na sociedade tragam mensagens de esperança, que tenham essa capacidade de se indignar, isto é, acaba por ter um impacto muito maior do que muitas medidas que a nível político são tomadas.

CC: Ainda agora tive o privilégio de ver uma coisa muito engraçada. Alguns artistas que apareceram a dizer belas palavras aquando da tomada de posse do Obama. Fiquei tão contente... Não havia nenhum que não fosse um artista da natureza. E afinal faltava-me saber esse lado, é que eles, além de serem artistas, são pessoas que pensam e se engajam no seu país e no mundo em que vivemos. Estamos a falar de artistas milionários...

FL: Vamos continuar a ter o prazer e o privilégio de continuar a desfrutar da sua voz extraordinária, que sempre nos soube maravilhar, cantando poemas que nos falam de ternura, felicidade e espe-



rança (coisa rara no fado!), ou simplesmente da sua voz “falada”, dando conta das preocupações, anseios e projectos do cidadão atento aos problemas de Portugal e dos portugueses?

CC: Futurologia não sei fazer... Depois da grande contrariedade que tive, há uns anos atrás, de saúde, depois de ter estado muito perto da morte, realmente tive essa consciência. Aconteceu-me o que acontece à esmagadora maioria das pessoas que passa por esta privação. Comecei a prestar mais atenção às coisas interessantes e a perder menos tempo com as coisas menos interessantes, ou seja, mudei as prioridades. É uma forma, talvez egoísta, de tentar alguma felicidade, se ca-

lhar... É uma coisa que ajuda a não ensandecer, e a sociedade quase nos faz ensandecer, mas espero manter-me até ao fim, porque está na minha natureza, está na minha maneira de ser, de respirar, de pensar. Eu gosto muito de gostar!

FL: Felicitações por tão brilhante carreira e um imenso obrigado por nos consentir considerá-lo como um dos nossos.

Felicidades e longa vida.

CC: Obrigado. Um abraço para todos os que me vão ler e a minha esperança que vocês, que são pessoas de grande força e determinação, consigam ajudar a que este país possa respirar. ■

CARLOS DO CARMO NA ALAVANCA

3.ª Festa de Emigrantes de solidariedade com a CGTP-IN

Realizou-se no passado dia 18 de Abril, em Amsterdão, a 3.ª Festa dos emigrantes portugueses da Europa de solidariedade com a CGTP-IN

Esta iniciativa, na qual participaram alguns milhares de portugueses emigrados em França, no Luxemburgo, Suíça e Alemanha Federal, contou com a presença duma delegação da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses, chefiada por Álvaro Rana, assim como de vários grupos e cantores, entre os quais se contavam Carlos do Carmo, Carlos Moniz e Maria do Amparo, José Jorge Letria e Samuel.

O dirigente da CGTP-IN, destacou na sua alocução, a falta de consideração por parte do governo pelos problemas dos emigrantes, apelidando a política governamental de eleitoralista e demagógica, uma vez que visa apenas a caça ao voto e o crescimento do volume de remessas dos nossos compatriotas emigrados.

Abordando as dificuldades que têm estado presentes na preparação do Congresso das Comunidades, Álvaro Rana acusou o governo da AD de ter adiado propositadamente a sua realização, e de não ter cumprido as responsabilidades que lhe estão cometidas, não havendo ainda eleito sequer um representante das associações de emigrantes para a Comissão Organizadora.

34



Álvaro Rana considerou ainda "imperiosa a substituição deste governo por um governo patriótico e democrático que respeite as transformações políticas, económicas e sociais operadas após o 25 de Abril, que constitua uma alternativa democrática de governo com os trabalhadores e de acordo com os autênticos

interesses nacionais".

No decorrer da festa, um representante das associações integrantes da Comissão Organizadora da iniciativa, leu uma saudação, na qual é manifestado o apoio à CGTP-IN e aos ideais da Revolução de Abril.

EFEMÉRIDES



Alavanca

n.º 45, Ano 6,

Junho 1981

24 de Março de 1979

A CGTP-IN, por intermédio do seu departamento de Assuntos Sociais, promoveu o 1.º Encontro Nacional de Higiene e Segurança no Trabalho. O encontro surgia num contexto em que se verificava a «[...] inexistência de uma política nacional sobre Higiene e Segurança no Trabalho [...]» e pretendia «[...] dar cumprimento ao Programa de Acção aprovado no Congresso de Todos os Sindicatos [...]», realizado em Janeiro de 1977, onde se atribuía aos sindicatos a responsabilidade de lutar «[...] contra a situação em que se encontram os trabalhadores portugueses no campo da Higiene e Segurança no Trabalho.»

Alavanca, n.º 19, Ano 4, Novembro de 1978, p. 14-15.

1.º de Maio de 1979

Encerramento da Campanha de Fundos para a Escola de Formação Sindical Unidade e Democracia. A campanha surgira na sequência da aprovação, no

Plenário Nacional da CGTP-IN realizado a 23 de Setembro do ano anterior, de uma proposta do Secretariado Nacional (actual Conselho Nacional), concretizando, desta forma, a «[...] necessidade de se promover a formação sindical dos trabalhadores portugueses, particularmente dos quadros sindicais, reconhecendo essa necessidade como um factor indispensável de gerar e fomentar uma consciência de classe [...]»

Alavanca, n.º 23, Ano 4, Março de 1979, p. 16-17.

«A Cultura e o Desporto desceram à rua, mobilizaram multidões, entreteram, informaram, uniram, abriram novos caminhos de luz na consciência individual e colectiva de muitos e muitos milhares de trabalhadores, foram 1.º de Maio. [...] mais de cento e vinte mil pessoas participaram directamente, assistindo ou praticando, nas várias iniciativas desportivas, culturais e recreativas promovidas pelo Movi-

mento Sindical Unitário, muitas delas integradas no Ano Internacional da Criança.»

Alavanca, n.º 26, Ano 4, Junho de 1979, p. 30.

16-17 de Junho de 1979

«Realizou-se no Barreiro, no Pavilhão dos Trabalhadores da Quimigal [...], o I Congresso dos Sindicatos das Indústrias Químicas e Farmacêuticas. O Congresso reuniu cerca de 400 delegados eleitos e culminou um amplo debate, realizado no seio da classe, que passou pela realização de cerca de três centenas de reuniões organizadas, nas quais participaram directa e activamente mais de vinte mil trabalhadores. O Congresso fez o balanço da actividade sindical naquele importante sector da economia nacional, elegeu o novo secretariado e aprovou o programa de acção para o próximo triénio da Federação.»

Alavanca, n.º 27, Ano 4, Julho de 1979, p. 21.

AO MEU AMIGO JOÃO

Passou-se comigo o que se passou com quase toda a gente do universo da CGTP-IN. A primeira vez que vi o João Silva foi numa Manifestação da CGTP-IN quando, após trepar a um poste, numa situação delicada (perigosa até, sendo isso que me chamou a atenção...), fotografava a multidão que exigia avanços no processo de Abril.

Pendurado em postes, trepando varandas, em cima de árvores, nos tejadilhos das camionetas, isto é, em todas as situações em que, tal como uma águia, a altura e o ângulo de visão lhe permitiam captar com a sua câmara a melhor imagem da longa e dura luta dos trabalhadores portugueses por uma vida e um mundo melhor, lá estava o João.

A pouco e pouco foi-se tornando familiar, com sua figura rija e enérgica, a tal ponto que, tanto para mim como para muita gente, o João já era parte da coreografia das manifestações.

Quis o destino que, após a minha ida para a CGTP-IN a tempo inteiro, tivesse a felicidade de privar com ele mais de perto e, como a vida é feita de acasos, um deles levou-nos a descobrir o amor comum por uma terra única chamada Angola (um amor tão grande, daqueles que só se sente por uma grande mulher... como costumávamos dizer!), bem como a profunda admiração pelas suas gentes e pela sua riquíssima cultura.

Daí a inscrevê-lo no meu restrito número de amigos foi um pequeno passo.

Sei que o *CGTP Cultura* já falou muito do livro que o João acaba de publicar e eu não pretendo repetir mas, na minha modesta opinião, trata-se de um testemunho de vida ímpar, de um grande contador de histórias e de uma diversidade tão rica, que o torna único e RECOMENDADO!

Por um daqueles estúpidos e mesquinhos acasos da vida, não tive a possibilidade de partilhar com o João e o seu vasto leque de admiradores e amigos, o momento feliz do dia do lançamento do seu livro, mas o exemplar que tenho em meu poder espera ansiosamente por uma dedicatória personalizada, o que me deixará muito orgulhoso, feliz e honrado.

Com este pequeno e despretenhoso texto, apenas pretendo prestar uma singela homenagem a um Homem e a um amigo, que muito contribuiu para o património cultural dos trabalhadores portugueses.

A história do movimento operário em Portugal nos últimos 40 anos também será escrita com base em muitas

das espantosas imagens que só o génio e a arte militante do João souberam captar.

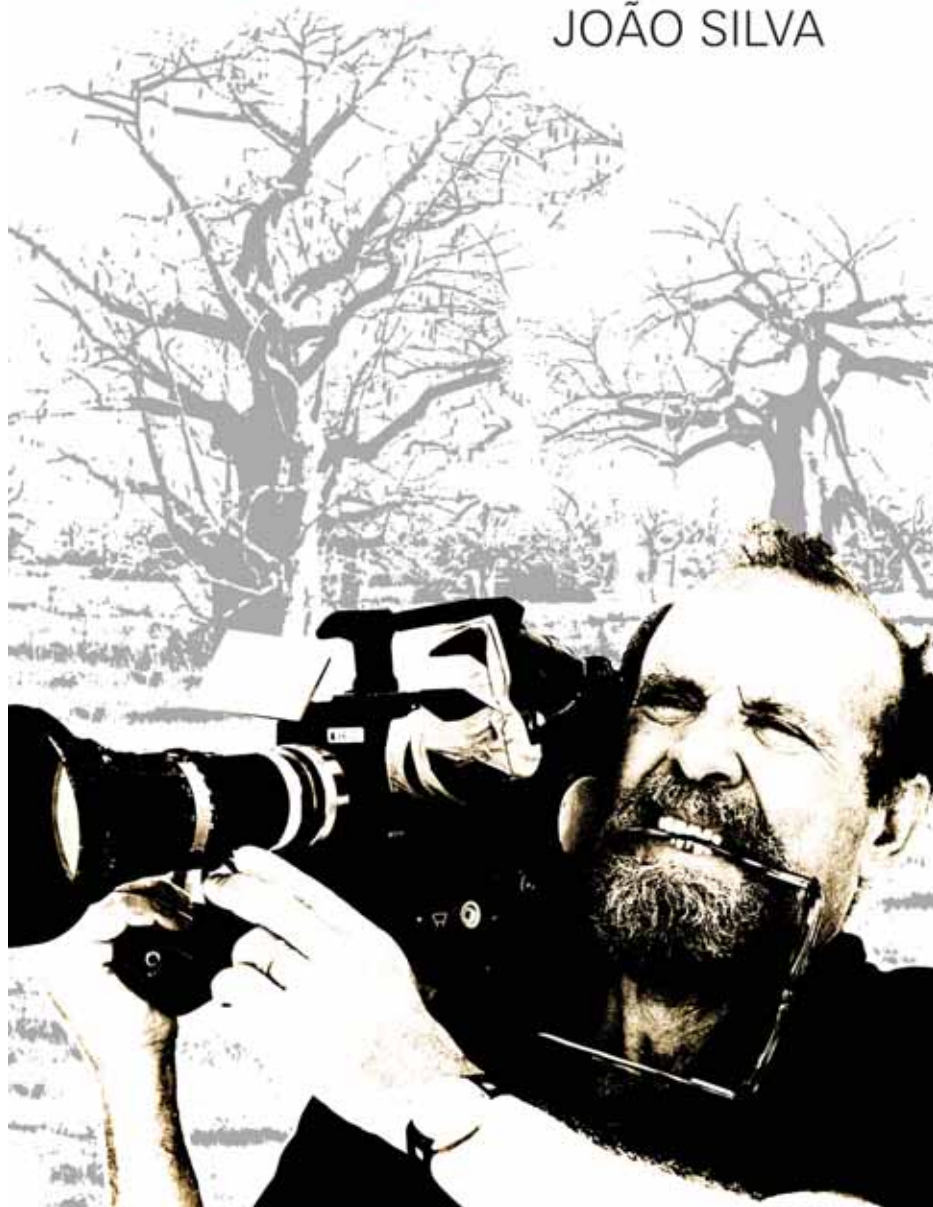
Quanto mais não fosse por isto, um imenso agradecimento.

Mas também por seres meu amigo, JOÃO. ■

Florival Lança

«Ouvi-lo é uma delícia, sempre. Onde ele está é uma festa.»

ROCHA CHENAIDER JOÃO SILVA



OS TRABALHADORES LANEIROS NO DISTRITO DE LEIRIA⁽¹⁾



O seu autor é sobejamente conhecido no Movimento Sindical Unitário português. Kalidás Barreto, Técnico Oficial de Contas, com uma activa acção política nas décadas de 1960 e 1970, foi dirigente sindical (membro da Comissão Executiva do Conselho Nacional da CGTP-IN entre 1977 e 1993) e é actualmente o provedor do beneficiário da Fundação INATEL.

Com este estudo, que beneficiou da orientação científica do professor Saul António Gomes, e que não é, aliás, o seu primeiro trabalho sobre os trabalhadores do sector têxtil e o movimento operário em Leiria e, designadamente Castanheira de Pera,⁽³⁾ Kalidás Barreto oferece-nos um panorama geral sobre a história da indústria e das lutas que marcaram esta última região, desde as origens até à revolução de 25 de Abril de 1974.

As características geográficas de Castanheira de Pera como justificação para o desenvolvimento da indústria laneira neste local; as origens da produção de tecidos naquela região; o conceito de fábrica como correspondente «[...] à ideia de fabricação ou fabrico sem delimitação de um espaço rígido para produção.⁽⁴⁾», a evolução do associativismo operário entre 1920 e o 25 de Abril de 1974, culminando com uma memória fotográfica de parte do património industrial têxtil da região – são estas as principais temáticas abordadas neste trabalho.

Uma obra que vale pelo esforço de síntese, mas cujo trabalho de pesquisa documental nos parece carecer de um maior investimento, pelo menos a julgar pela lista bibliográfica apresentada no final do livro, e que apresenta algumas falhas ao nível da revisão de texto. ■

«A GRANDE HISTÓRIA É FEITA DE PEQUENAS HISTÓRIAS E A LUTA DOS TRABALHADORES PELA MELHORIA DAS SUAS CONDIÇÕES DE VIDA, EMBORA FEITA DE PEQUENAS LUTAS, PROVOCA CONSEQUENTEMENTE, TRANSFORMAÇÕES NA SOCIEDADE, FAZENDO AVANÇAR O MUNDO; TAL COMO O PONTEIRO DOS SEGUNDOS DO RELÓGIO QUE EM CADA PEQUENO IMPULSO CAMINHA INEXORAVELMENTE PARA O FUTURO.»⁽²⁾

Editado em 2008, este breve estudo tem por base uma comunicação feita pelo autor, em 20 de Fevereiro de 1984, na, então, Biblioteca Nacional

de Lisboa, integrada num seminário sobre o Movimento Operário, promovido pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

⁽¹⁾ Kalidás Barreto – *Os Trabalhadores Laneiros no distrito de Leiria (Subsídios para a História da sua indústria e das suas lutas, em Castanheira de Pera, até à Revolução de Abril de 1974)*. [Leiria]: CEPAE – Centro do Património da Estremadura; Fundação INATEL – Delegação de Leiria – Casa Miguel Franco, 2008. 60 p. ISBN: 978-989-8158-34-5. Disponível no Centro de Arquivo e Documentação (CAD) da CGTP-IN, cota: L/10168.

⁽²⁾ Cfr. Kalidás Barreto – *Os trabalhadores laneiros no distrito de Leiria [...]*, p. 7.

⁽³⁾ Kalidás Barreto publicou também os seguintes trabalhos: *Subsídios para a História do Movimento Operário: Castanheira de Pera*. [s.n.]: Porto, 1983. Disponível no CAD, cota: L/704; *A Organização Profissional dos Trabalhadores do Sector Têxtil nos Distritos de Leiria e Coimbra (Subsídios Históricos)*. Coimbra: Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Centro, 1987. Disponível no CAD, cota: L/10167.

⁽⁴⁾ Cfr. Kalidás Barreto – *Os trabalhadores laneiros do distrito de Leiria [...]*, p. 11.

Novas oportunidades para o trabalhador no acesso à Cultura, Desporto e Tempos Livres.

O Departamento de Cultura e Tempos Livres da CGTP-IN está a desenvolver um projecto que consiste na criação de um CARTÃO CGTP, a que vão estar associados vários benefícios para todos os trabalhadores sócios dos sindicatos filiados na CGTP-IN. O objectivo é que os trabalhadores possam ter acesso a um conjunto de bens e serviços, desde a cultura, desporto, tempos livres e possivelmente a educação, de forma mais acessível que aquilo que é normal nestas áreas.

O Cartão CGTP tenta assim criar, de uma forma ampla, um conjunto de benefícios que sirvam também para atrair novos sócios aos sindicatos do Movimento Sindical Unitário, contribuindo para a ocupação dos seus tempos livres.

Actualmente, para aceder aos benefícios, devem todos os interessados apresentar nos diversos locais com protocolo o cartão de sócio do respectivo sindicato, indicando que tem conhecimento do Protocolo com a CGTP-IN.

A informação actualizada sobre o CARTÃO CGTP poderá ser consultada na página da Internet da CGTP-IN e nos vários números do boletim CGTP Cultura.

Para mais informações, deverá ser contactado o Departamento de Cultura e Tempos Livres, através da Maria José Judas, tel.: 21 323 66 59 ou maria.judas@cgtp.pt.

NOVOS ACORDOS CELEBRADOS**TEATRO DE FERRO**

Rua do França, 8/58, 4400-174, V. N. Gaia
Tel.: 22 370 00 11 > Tlm.: 96 256 96 56
geral@teatrodeferro.com > teatrodeferro@gmail.com
www.teatrodeferro.com > www.myspace.com/teatrodeferro
20% de desconto

ACORDOS CELEBRADOS**MALAPOSTA
CENTRO CULTURAL**

Rua Angola, 2620-492 Olival Basto
Tel.: 21 938 31 00 > Fax: 21 938 31 09
info@malaposta.pt
50% de desconto
(excepto sessões de preço único)

**COMPANHIA DE TEATRO
DE ALMADA**

TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA
Av. Prof. Egas Moniz, 2804-503 Almada
50% de desconto

**A BARRACA
COMPANHIA DE TEATRO**

Largo de Santos, 2, 1200-808 Lisboa
Tel.: 21 396 53 60 > Fax: 21 395 58 45
barraca@mail.telepac.pt
www.abarraca.com/
25% de desconto

**A ESCOLA DA NOITE
GRUPO DE TEATRO DE COIMBRA**

Rua Pedro Nunes
Oficina Municipal do Teatro
Quinta da Nora, 3030-199 Coimbra
Tel.: 23 971 82 38 > Fax: 23 970 53 67
Tlm.: 96 630 24 88
geral@aescoladanoite.pt
www.aescoladanoite.pt/
20% de desconto

**A JANGADA
COOPERATIVA PROFISSIONAL DE TEATRO**

Quinta das Pocinhas, 4020 Lousada
10% de desconto

**ACTA
COMPANHIA DE TEATRO DO ALGARVE**

Escritório: Rua Antero de Quental, 119
8000-210 Faro
Estúdio: Rua Cunha Matos, 23
8000-262 Faro
Tel.: 28 987 89 08 / 28 988 27 03
Fax: 28 988 27 04
geral@actateatro.org.pt
www.actateatro.org.pt/
30% de desconto

AQUILO TEATRO

Largo do Torreão s/n Apartado 134
6301 Guarda
Tel./Fax: 27 122 24 99
aquilo.teatro@sapo.pt
50% de desconto

**CENA ABERTA
COMPANHIA TEATRAL DE SANTARÉM**

Largo Padre Francisco Nunes
da Silva, n.º 3, 2000-134 Santarém
Tel./Fax: 24 332 88 54
Tlm.: 91 985 05 90 (Alexandra Baptista)
cena.aberta@mail.telepac.pt
30% de desconto

**CENDREV
CENTRO DRAMÁTICO DE ÉVORA**

Teatro Garcia de Resende
Praça Joaquim António de Aguiar
7000 Évora
Tel.: 26 670 31 12 / 26 674 11 81
cendrev@mail.evora.net
www.evora.net/cendrev/
30% de desconto

**CENTRO CULTURAL DE BELÉM
FUNDAÇÃO CENTRO CULTURAL DE BELÉM,**

Praça do Império, 1449-003 Lisboa
Tel.: 21 361 27 00
amigoccb@ccb.pt > www.cb.pt
20% de desconto na subscrição do Cartão Amigo
CCB (30% caso a adesão seja feita por débito
directo em conta)

**CHÃO DE OLIVA
COMPANHIA DE TEATRO DE SINTRA**

Rua Veiga da Cunha, 20
2710-627 Sintra
Tel.: 21 923 37 19 > Fax: 21 923 14 46
Tlm.: 91 220 63 84 / 91 616 86 39
chaodeoliva@chaodeoliva.com
50% de desconto

**CHAPITÓ
COLECTIVIDADE CULTURAL E RECREATIVA
DE SANTA CATARINA**

Costa do Castelo, n.º 1/7, 1149-079 Lisboa
Tel.: 21 885 55 50 > Fax: 21 886 14 63
mail@chapito.org > www.chapito.org/#
25% de desconto

**CIRAC
CÍRCULO DE RECREIO, ARTE E CULTURA
DE PAÇOS DE BRANDÃO**

Av. da Sobreira,
4538-251 Paços de Brandão
Tel.: 22 744 86 25
15% de desconto

**COMPANHIA DE TEATRO DE BRAGA
TEATRO CIRCO**

Av. da Liberdade, 697, 4710-251 Braga
Tel.: 25 321 71 67 / 25 326 24 03
Fax: 25 361 21 74

ctb@mail.telepac.pt > info@ctb.pt
www.ctb.pt/
50% de desconto

COMUNA

TEATRO PESQUISA

Praça de Espanha, 1070-024 Lisboa
Tel.: 21 722 17 70/6 > Fax: 21 722 17 71
geral@teatrocomuna.pt
www.comunateatropesquisa.pt/
50% de desconto

ENSEMBLE

SOCIEDADE DE ACTORES

Trav. da Telheira – Telheiró Avioso
(Santa Maria)
Tel.: 22 982 63 18

LUA CHEIA

TEATRO PARA TODOS

Rua da Casquilha, 16, 7.º Dto
1500-152 Lisboa
Tel.: 21 443 05 91 > Fax: 21 009 34 44
Tlm.: 96 604 64 48 (Ana Enes)
teatro@luacheia.pt > www.luacheia.pt/
15% de desconto

MARIONETAS

ACTORES E OBJECTOS GRUPO DE TEATRO

Largo de São Domingos, 46 r/c
4900-330 Viana do Castelo
Tlm.: 96 459 63 13 (Carla Magalhães)
marionetas.viana@gmail.com
marionetas_viana@hotmail.com
www.teatrinho.com.pt/
50% de desconto

QUARTA PAREDE

ASSOCIAÇÃO DE ARTES PERFORMATIVAS DA COVILHÃ

Rua Celestino David, lote 4, r/c dto
6200-072 Covilhã
Tel./Fax: 27 533 56 86
Tlm.: 96 978 53 13 / 96 901 42 54
qp@quartaparede.com
www.quartaparede.com/
40% de desconto

TE-ATO

GRUPO TEATRO DE LEIRIA

Rua Pedro Nunes, 15 (ao Terreiro)
Apartado 1066 – 2401-801 Leiria
Tel./Fax: 24 482 84 79
Tlm.: 96 290 43 85
teatroleiria@gmail.com
te-ato@alcachofra.net
www.alcachofra.net/Te-Ato/
30% de desconto

TEATRO 3 EM PIPA

ASSOCIAÇÃO DE CRIAÇÃO TEATRAL E ANIMAÇÃO CULTURAL

Monte Novo do Serrinho
Apartado 150 – 7630 Odemira
Tel.: 28 338 66 49 > Fax: 28 338 66 49
Tlm.: 96 233 94 69
3empipa@sapo.pt
www.teatro3empipa.com/
20% de desconto

TEATRO ART'IMAGEM

Rua da Picaria, 89
4050-478 Porto
Tel.: 22 208 40 14 > Fax: 22 208 40 21
producao@teatroartimagem.org
www.teatroartimagem.org/
30% de desconto

TEATRO CASA DA COMÉDIA

FILIFE CRAWFORD PRODUÇÕES TEATRAIS

Rua São Francisco de Borja, n.º 22
1200-843 Lisboa
Tel.: 21 395 94 17/8 > Fax: 21 395 94 19
casadacomedia@mail.telepac.pt
www.filipecrawford.com
Desconto conforme a época teatral

TEATRO D'O SEMEADOR

TEATRO DE PORTALEGRE

Convento de Santa Clara
Apartado 264, 7300-901 Portalegre
Tel.: 24 520 78 94
25% de desconto

TEATRO DA CORNUCÓPIA

TEATRO DO BAIRRO ALTO

Rua Tenente Raúl Cascais, 1-A
1250-268 Lisboa
Tel.: 21 396 15 15 / 21 396 92 05
Fax: 21 395 45 08
info@teatro-cornucopia.pt
www.teatro-cornucopia.pt/htmls/home.shtml
20% de desconto

TEATRO DA GARAGEM

TEATRO TABORDA

Costa do Castelo, 75, 1100-178 Lisboa
Tel.: 21 885 41 90 > Fax: 21 868 85 50
geral@teatrodagaragem.com
www.teatrodagaragem.com
50% de desconto

TEATRO DAS BEIRAS

Travessa da Trapa, 2 – Apartado 261
6201-909 Covilhã
Tel.: 27 533 61 63 > Fax: 27 533 45 85
Tlm.: 96 305 59 09
geral@teatrodasbeiras.pt
www.teatrodasbeiras.pt/home.asp
40% de desconto

TEATRO DE ANIMAÇÃO DE SETÚBAL

FORUM MUNICIPAL LUISA TODI

2900 Setúbal
Tel.: 26 553 24 02 > Fax: 26 522 91 30
tas.setubal@netcabo.pt
25% de desconto

TEATRO DE MARIONETAS

DO PORTO

Rua de Belomonte, 57, 4050-097 Porto
Tel.: 22 208 33 41 > Fax: 22 208 32 43
teatro@marionetasdoporto.pt
www.marionetasdoporto.pt
20% de desconto

TEATRO DO BOLHÃO

ACADEMIA CONTEMPORÂNEA DO ESPECTÁCULO

Praça Coronel Pacheco, n.º 1
4050-453 Porto
Tel.: 22 208 90 07 > Fax: 22 208 00 52
teatrodobolhao@ace-tb.com
50% de desconto

TEATRO DO NOROESTE

TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA

Rua Sá de Miranda
4900 Viana do Castelo
Tel.: 25 882 28 05
teatro-municipal@cm-viana-castelo.pt
www.cm-viana-castelo.pt/teatro/noroeste.htm
50% de desconto

TEATRO DOS ALOÉS

COMPANHIA PROFISSIONAL DE TEATRO

Rua António Ferreira n.º 1 – 9.º Dto
2700-134 Santarém
50% de desconto

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

TEATRO MUNICIPAL MIRITA CASIMIRO

Av. Marechal Carmona, 6 B
Tel.: 21 467 03 20 > Fax: 21 483 21 86
t.e.c@netcabo.pt > www.tecascais.org/#
50% de desconto

TEATRO EXTREMO

Rua Serpa Pinto, n.º 16, Apartado 124
2801-801 Almada

Escritório:

Tel.: 21 274 22 20 / 21 272 36 60
Fax: 21 272 36 69
teatro@teatroextremo.com
www.teatroextremo.com/te.htm
25% de desconto

TEATRO FÓRUM DE MOURA

Rua Cardeal Lacerda, 8,
7860-018 Moura
Tel.: 96 009 32 69 / 96 670 60 36
teatrofmoura@gmail.com
www.teatroforumdemoura.blogspot.com
20% de desconto

TEATRO INFANTIL DE LISBOA

Rua Tereiro do Trigo, n.º 66, 5.º C
1100-604 Lisboa
Tel.: 21 886 05 03 / 21 715 40 57
(Bilheteira)
Fax: 21 887 25 58
info@til-tl.com > www.til-tl.com/
7,00€ de desconto por bilhete

TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

Praça da Batalha, 4000-102 Porto
Linha verde: 800 10 8675
Tel.: 22 340 19 00 > Fax: 22 208 83 03
geral@tnsj.pt > www.tnsj.pt
5€ na compra de bilhetes para os espectáculos do TNSJ, para lugares de Plateia (também no Teatro Carlos Alberto) e Tribuna; 50%, incluindo acompanhante, mediante aquisição dos bilhetes com 48 horas de antecedência.

TEATRO O BANDO

Vale de Barris – Apartado 152
2950-055 Palmela
Tel.: 21 233 68 50 > Fax: 21 233 42 41
geral@obando.pt > www.obando.pt/
Preço único de 5€

TEATRO PÉ DE VENTO

COLECTIVO DE ANIMAÇÃO TEATRAL

Rua da Vilarinha, 1386, 4100-513 Porto
Tel.: 22 610 89 24
pevento@clix.pt
50% de desconto

TEATROESFERA

Rua Cidade Desportiva,
2745-012 Queluz
Tel.: 21 430 34 04 > Fax: 21 430 17 57
geral@teatroesfera.com
www.teatroesfera.com
50% de desconto

INFORMAÇÕES DIVERSAS



Saiu o n.º 0 da revista *Sapiens. História, Património e Arqueologia* (disponível em www.revistasapiens.org).

O projecto, coordenado por um grupo de investigadores e elementos com formação em História, História da Arte e Arqueologia, conta com a orientação científica de professores oriundos de várias universidades portuguesas e estrangeiras e pretende ser, essencialmente, um espaço de divulgação do trabalho de jovens investigadores (pré-licenciados, licenciados, mestrados, doutorandos, etc.) na área da História, da Arqueologia e da História da Arte.

A revista, em suporte digital e de acesso totalmente gratuito, tem uma periodicidade semestral e uma estrutura editorial que contemplará um conjunto de artigos dedicados,

quando possível, a um determinado tema central, a que se juntarão resenhas críticas, comentários e notícias diversas.

Os potenciais interessados poderão remeter os seus trabalhos (artigos, resenhas críticas, notícias, comentários a exposições, colóquios, seminários, conferências, etc.) para o endereço artigos@revistasapiens.org.

Para mais informações, comentários ou sugestões sobre a revista e sobre o modo como poderá participar, consulte o respectivo sítio online, ou entre em contacto com a Sapiens através do endereço geral@revistasapiens.org.

CENTRO DE FÉRIAS COSTA DA CAPARICA (SIMAMEVIP)

O Sindicato dos Trabalhadores da Marinha Mercante (SIMAMEVIP), no âmbito das suas actividades de tempos livres, possui um Centro de Férias na Costa de Caparica, constituído por 16 moradias, implantado num espaço arborizado, a cerca de 200m da praia de São João.

Os trabalhadores e funcionários do Movimento Sindical, sindicalizados, podem agora, também, usufruir deste Centro de Férias.

A utilização do Centro destina-se apenas ao sócio(a) e respectivo agregado familiar.

As inscrições deverão ser efectuadas exclusivamente na sede do SIMAMEVIP, mediante apresentação do cartão de sócio(a) do respectivo sindicato, sendo que as inscrições para a época alta devem ser submetidas até às 19h00 do dia 15 de Maio de 2009.

Para mais informações, consulta os serviços do SIMAMEVIP.



**SINDICATO
DOS TRABALHADORES
DA MARINHA MERCANTE
AGÊNCIAS DE VIAGENS
TRANSITÁRIOS E PESCA**

Av. Elias Garcia, 123 – 2.º Dt.º, 1050-098 Lisboa

Telef: 21 780 22 50 / Fax: 21 780 22 59

E-mail: geral@simamevip.pt